
DIOGUINHO: O MÍTICO REPRESENTANTE DA SOCIEDADE E DO BANDITISMO CAIPIRA

Nilce Camila de Carvalho¹

RESUMO:

A opressora “civilização do café”, que teve seu auge no final do século XIX e que foi responsável pelo avanço do capitalismo no sertão paulista, formou não apenas coronéis e trabalhadores rurais, mas também indivíduos oprimidos pela estratificação social vigente. Essa posição social desprivilegiada ocasionou o surgimento de vários bandidos que passaram a atemorizar a população rural. Esse artigo visa discutir a formação de um mito em torno de um bandoleiro que se aliou aos poderosos senhores do café para servi-los. Dioguinho, como era conhecido, foi o motivo de três narrativas literárias que, além de apresentar seus crimes, sua impunidade e a de seus cúmplices, apresentam as inúmeras lendas que foram transmitidas oralmente pelo povo que o temia e que, de certo modo, o tinha por herói.

PALAVRAS-CHAVE: caipira; mito; banditismo social; Dioguinho.

RÉSUMÉ:

L'oppressive "civilisation du café», qui a connu son apogée dans la fin du XIXe siècle et a été responsable de l'avance du capitalisme à la province de São Paulo, a formé non seulement des colonels et des travailleurs ruraux, mais aussi les individus opprimés par la stratification sociale existante. Cette position sociale défavorisée a provoqué l'émergence de plusieurs bandits qui faisaient peur à la population rurale. Cet article a pour objectif discuter la création d'un mythe au tour d'un bandit qui était allié à de puissants seigneurs du café pour les servir. Dioguinho tel qu'il était connu, a été sujet de trois récits littéraires qu'en outre présenter ses crimes, son impunité et de ses complices, présente les nombreuses légendes qui ont été transmises oralement par le peuple qui le craignait et que, d'une telle façon, l'avait comme un héros.

MOTS-CLÉS: hillbilly; le mythe; le banditisme sociale; Dioguinho.

E o tal Rocha Figueira
Que se chama Dioguinho
Lá na região do sul
No distrito de Cravinhos
Fez a polícia correr
Sem acertar com o caminho

¹Mestranda da Universidade Estadual de Londrina e bolsista pela CAPES. Contato: nilce_camila@hotmail.com

Dioguinho ali no sul
Era o terror do sertão
Chefiava um grupo armado
Com Joãozinho, seu irmão;
Suas menores proezas
Pegava bala de mão.

Antônio Teodoro dos Santos

Cada época e lugar tem seus heróis, seus mitos, lendas e demais histórias que, quer sejam reais ou fantasiosas, quando transmitidas posteriormente, recontam o modo de vida e alguns acontecimentos do passado que marcaram os indivíduos que a viveram. Nessa tarefa de legar à geração seguinte os valores culturais dos antepassados, a voz possui uma participação essencial, uma vez que ela é “verdadeiramente um objeto central, um poder, representa um conjunto de valores que não são comparáveis verdadeiramente a nenhum outro, valores fundadores de uma cultura, criadores de inúmeras formas de arte”, além de ser o veículo responsável pela transmissão dos elementos identificadores de uma determinada sociedade (ZUMTHOR, 2005, p.61).

Nesse sentido, segundo Paul Zumthor, a voz exerce uma relevante contribuição na representação de um povo e de uma comunidade através de diversas narrativas orais que comunicam aos seus descendentes um modo específico de ver e sentir o mundo, o qual busca de certo modo, caracterizar a visão que esses indivíduos tinham de si mesmo e da sociedade que os agrupava. Com o intuito de compreender a sociedade que se constituiu com base numa cultura agrária voltada para um único produto, o café, este artigo objetiva reconstituir o modo como a “civilização do café”² propiciou o aparecimento de tipos sociais como os bandidos caipiras. Para tanto, será analisada a figura mítica de Diogo da Rocha Figueira, mais conhecido como Dioguinho.

No Brasil, especificamente no estado de São Paulo, o momento de avanço do

² O termo “civilização do café” provém de Olavo Baptista Filho que afirmou em um artigo intitulado “A Fazenda de Café em São Paulo” que “ela (a fazenda de café) não é uma instituição meramente econômica, mas, além disso é, sobretudo, um traço cultural na vida social paulista. O café não representa apenas uma riqueza, significa antes de tudo, um sentido de vida. Podemos mesmo falar da civilização do café, pois ele criou hábitos, fixou aspectos, determinou destinos, moldou consciências, interferindo, em última análise, de forma decisiva, na estruturação da sociedade paulista contemporânea”. (FILHO *apud* MATOS, 1974, p. 46)

capitalismo agrário e a expansão da lavoura cafeeira pelo oeste paulista no final do século XIX traz consigo muitas histórias, surgidas das múltiplas relações sociais e das comunidades que ali se formaram. A “marcha” realizada pelo café fez fundar novas cidades e matou outras que, sem a rubiácea e a consequente linha férrea, não tinham condições econômicas de se desenvolverem.

É nesse contexto histórico, formado pela cultura cafeeira, que o interior de São Paulo, originalmente desbravado pelos bandeirantes, mas esparsamente povoado até meados do XIX, foi rapidamente ocupado por inúmeras pessoas que se dirigiam para essa região a fim de trabalhar nas fazendas, enriquecer e poder cultivar suas próprias terras. Paulistanos, mineiros, fluminenses, imigrantes, e outros indivíduos que já habitavam a região deram origem às diversas cidades, fundadas e auxiliadas pela chegada da Estrada de Ferro.³ Pequenos núcleos urbanos comandados pelos poderosos coronéis, senhores proprietários das numerosas fazendas de café, que exerciam domínio tanto econômico quanto político.

As disputas políticas geralmente giravam em torno dos próprios coronéis que disputavam o poder político na região e, às vezes, discutiam pelas diferenças na adesão aos partidos ou em relação às transformações geradas pela República recém instaurada.⁴ Muitas intrigas surgiam pelo domínio político de uma região. Para resolver tais impasses, os coronéis apostavam na competência de alguns bandidos, matadores de aluguel. Uma grande quantidade de matadores caipiras perambulou por essas regiões nesse período, entre eles estão: João Brandão, Chico Tanoeiro, Juca Aragão, João Bairral, Dente de Ouro, porém o mais famoso e temido era Dioguinho (GARCIA, 2002, p. 33).

Diogo da Rocha Figueira viveu no final do século XIX, no período pós-abolição, seus crimes foram cometidos entre 1894 e 1897 e quase todos são de cunho político a mando de coronéis. Dioguinho era agrimensor, percorria o oeste paulista,

³Segundo Odilon Nogueira deMatos o afluxo de pessoas vindas de outras regiões para a paulista se deu devido porque ali se encontravam melhores terras para a cultura que se iniciava. Assim novas fronteiras eram abertas pelo café e a ferrovia seguia o caminho aberto pelo cafezal. (MATOS, 1974, p. 14)

⁴ Com a instauração da República em 1889 que atribuiu mais autonomia aos estados pertencentes à federação, iniciou-se um período de grande disputa entre os estados pelo predomínio político econômico e cultural. Nessa corrida se sobressai o estado de São Paulo que se despontava economicamente com a expansão da cultura cafeeira pelo oeste paulista.

principalmente a região abrangida pela Estrada de Ferro Mogiana, medindo as novas terras adquiridas pelos fazendeiros. Dioguinho nunca pagou por seus crimes, era protegido por esses barões do café, que não só dominavam aquelas pequenas vilas e cidades, como também possuíam influência no governo do estado.

Existem algumas obras literárias que tratam dos crimes e dos vínculos de Dioguinho, a primeira escrita por um delegado, Antônio de Godói Moreira e Costa, foi publicada em 1903 e intitula-se *Dioguinho. Narrativas de um cúmplice em dialecto*, o autor afirma que sua obra é “uma versão literária, de uma história verídica” e sua narrativa parte do personagem Curitibano, um capanga do bando de Dioguinho. Antônio de Godói foi um dos policiais encarregados pela captura do bandido e que de certa forma falhou em sua missão, uma vez que depois de muitas fugas sob a proteção de influentes coronéis, o homicida é dado como morto no dia 1 de maio de 1897, porém seu corpo nunca foi encontrado, motivo que alimentou a imaginação popular que acreditava que ele havia aparecido pelos lugares por onde costumava passar e que havia morrido “de velho” no estado de Minas Gerais.

Segundo Marília Schneider, a obra de Godói traz um relato descritivo dos crimes atribuídos a Dioguinho, e o contato do autor com a população caipira do interior de São Paulo o levou a narrar a história do homicida no próprio linguajar caipira. Dessa forma, Godói, através de investigações policiais e pesquisas de campo, reconstituiu a trajetória de Diogo.

Outra obra que narra a história do famoso bandido paulista é a do delegado João Amoroso Neto, publicada em 1949. Também se trata de um livro de ficção que se utilizou das informações contidas na obra anterior e recriou outras. *Dioguinho. História completa e verídica do famoso bandido paulista* descreve os crimes por ele praticados tal como o outro, de maneira fria e cruel, aproveitando do pavor que a imagem do bandido causava. Além dos crimes, a obra se vale de alguns relatos da tradição oral feita por “pessoas idôneas” que de fato o conheceram ou que conheciam suas histórias. A inovação dessa obra é justamente a apresentação desses relatos orais que comunicam o verdadeiro sentimento que a imagem do bandido causava.⁵

⁵ Pode-se afirmar que tais textos comunicam o verdadeiro sentimento da comunidade em relação ao homicida, pois o autor João Amoroso Neto insere os relatos do povo em sua obra, relatos que segundo o conceito da literatura oral abordado por Jean-Nöel Pelen constituem-se em etnotexto, ou seja, é uma transcrição de relatos orais surgido no âmago da sociedade em questão, e por

Além dessas duas narrativas, há um romance mais recente que também se propõe contar a trajetória de Dioguinho nesses três anos em que serviu de matador profissional aos influentes senhores do café. Publicada em 2002, *Dioguinho. O matador de punhos de renda* reconta a história do bandido que tirava o sossegado da população rural do interior de São Paulo.

O autor, João Garcia, é jornalista e trabalhou por muito tempo na Empresa Paulista de Televisão (EPTV) de Ribeirão Preto, cidade que ficou conhecida como a capital mundial do café. João Garcia nasceu no interior de São Paulo, em Santa Rosa de Viterbo, distrito que se tornou independente de São Simão, cidade que abrigava a estrada de ferro da Mogiana e pertencia a região de Ribeirão Preto. O autor é neto de “coronel-major”, e provavelmente muitas das histórias que relata devem ter sido contadas por seus pais e avós, aliás, o narrador se apresenta como neto e filho de fazendeiros, e inicia a narração dizendo que viu o protagonista do romance no alpendre da fazenda de seu finado pai.

Partindo dessas informações, pode-se conjecturar que o romance de João Garcia é uma versão literária oriunda de pesquisas de campo, de narrativas orais, de dados que apanhou das obras anteriores e de processos judiciais registrados na própria cidade de São Simão, local que Dioguinho se estabeleceu por muito tempo e no qual ficou escondido sob proteção de coronéis da redondeza.

Para analisar o modo como o narrador emprega essa “tradição oral” na criação do romance, este artigo compartilha das formulações de Bakhtin que

permitem a leitura do relacionamento do romance com gêneros de tradição oral como muitos cantos épicos, lendas, narrativas proverbiais e as mais variadas formas que a linguagem humana desenvolveu para dar expressão às formas do imaginário (MACHADO, 1995, p. 160).

Assim, o gênero romanescos é aqui considerado como uma forma de “representação do homem que fala”, e desse modo, a obra *Dioguinho. O matador de punhos de renda* ressalta não só a voz de um narrador que realiza as pesquisas, como isso, tem o poder de “recupera[r] de forma literal [a imagem do bandido] [n]o sentido que os seus próprios ouvintes e transmissores lhe atribuem”. PELEN, Jean-Noël. Memória da literatura oral. A dinâmica discursiva da literatura oral; reflexões sobre a noção de etnotexto. *História e oralidade* (PUC – SP) v. 22, 2001, p.51.

também a voz de um narrador que participa da trama junto com o bando de Dioguinho, ou seja, um personagem inserido no contexto em que as ações do protagonista ocorrem, portanto, o romance apresenta duas vozes narrativas, a voz do personagem principal e de seu bando em razão dos constantes diálogos, além de outras que surgem no decorrer do enredo, conforme o narrador-pesquisador avança em suas descobertas.

Enquanto gênero discursivo dialógico, o romance de João Garcia apresenta uma espécie de narrador oral⁶, sua escrita se assemelha à linguagem falada, inclusive, juntamente com a narração dos fatos o narrador expressa suas opiniões e pontos de vista. O estilo narrativo é marcado pela oralidade tanto na parte referente à narrativa do pesquisador quanto na que apresenta o cotidiano do bando de Dioguinho. Nessa segunda narrativa, o romance utiliza-se do linguajar caipira por meio da narração de um garoto, o “manino” (narrador ambientado no tempo e espaço do bandido), o qual apresenta numa perspectiva “de dentro” o dia a dia dos bandoleiros.

A linguagem ali encetada tenta recuperar o modo de falar do caipira paulista, as expressões e características de seu linguajar. Nesse sentido, o romance é rico em detalhes, porém, a opção por empregar até os vícios e sotaques do falar caipira acaba deixando o texto um pouco forçado e cansativo. Tal recurso o distancia artisticamente de outros textos literários de cunho regionalista em que há preocupação em expor a linguagem caipira, como nos contos de Valdomiro Silveira, mas nos quais se observa uma preocupação determinante em “retratar a verdade” e apreender a “poética da oralidade” existente na fala do caipira (BOSI, 1972, p. 234).

O estilo narrativo do garoto que busca incessantemente informações sobre o bandido também obedece à linguagem oral, como é possível perceber pelo modo como o narrador inicia o romance. O trecho abaixo conta o encontro deste narrador com Dioguinho, encontro esse que, desde cedo, o inspira a desvendar os mistérios que cercam aquele homem de “risinho” tão singular:

“Diogo eu vi no alpendre de tábuas, na casa da fazenda do finado papai. Era noitão, chovia e escorregavam aquelas gotas pelos cipós da

⁶ Narrador oral no sentido empregado por Eikhenbaum para explicar que a função do skaz é “criar a ilusão da narrativa oral”. Destarte, João Garcia teria construído as narrativas na intenção de que elas parecessem um relato verídico de alguém participante da sociedade cafeeira do período e de outra que teria recebido aquelas histórias através de uma tradição oral.

trepadeira verde.

Lembro que fui naquele corredor comprido e abri a portona pesada do alpendre. Então eu vi o finado papai sentado na cadeira dele, picando fumo com o canivete Roger, cabo de osso branco. E tinha uma porção de homens, acho que uns cinco. Estavam de pé, um outro sentado, olhando pra mim com um risinho. Trazia um lenço vermelho no pescoço, com uma cabeça de boi quase do tamanho de uma caixa de fósforo. Era preta, e os olhos do boi duas pedrinhas vermelhas. Pareciam de fogo” (GARCIA, 2002, p. 9).

Desse modo, percebe-se que a obra procura recuperar a imagem do bandido caipira e sua relação com a própria civilização da qual fazia parte. As lendas que surgiram em torno de Dioguinho partem da voz desse povo que devotava grande respeito por sua figura. Era um indivíduo corajoso, alfabetizado e elegante em seus modos, e ao mesmo tempo um assassino frio e cruel. A proposta neste trabalho é levantar através das informações contidas no romance, *Dioguinho. O matador de punhos de renda*, elementos que contribuem para a compreensão da construção do mito acerca desse bandido do sertão paulista. Também serão utilizados alguns dados das obras anteriores que o jornalista retoma e discute.

João Garcia divide sua obra em duas partes que se intercalam, e cada uma apresenta uma visão acerca de Dioguinho. Em primeira instância, tem-se um garoto de oito anos que encantado pela figura do bandido começa a interrogar seus familiares a fim de saber mais sobre o lendário matador. Influenciado por um contato que teve com o médium Chico Xavier, o garoto tenta imitá-lo e acaba adentrando um espelho, e, num passe de mágica, se vê em meio ao grupo do bandido:

“Meu pai tinha um espelho com duas velas no escritório dele. Fechava a porta, apagava a luz e eu olhava pelo burquinho da fechadura e via: tava olhando pro espelho com aquelas duas velas acesas. Peguei um caderno, minha caneta e um fósforo, fechei a porta do escritório, acendi as duas velas e comecei a olhar pro espelho. Só via a minha cara, meio mole, balançando naquela luz das velas. Só isso...Só isso. Aí, uma hora, começou a aparecer uma poeirinha nos lados do espelho. A poeira foi aumentando, aumentando e aí não tinha mais espelho, só poeira. Foi aí que eu vi um negócio no meio ficando grande, grande, e virou a bunda de um boi amarelo. Aí apareceu mais uma bunda de boi preto, depois mais outra, mais outra e foi aparecendo a boiada inteira, colorida!

Ah, pra quê! Deu foi um arrupio! Quando é fé, eu tava é num lugar longe, no mei dum puerão! Tava é bem no mei da boiada. Tava o quê? Umas quato, cinco braça do sô Diogo (GARCIA, 2002, p. 14) (grifo

meu).

Percebe-se, pelo trecho acima, a mudança de uma linguagem coloquial para outra que traz o modo de falar do próprio caipira paulista. O romance após a apresentação desses dois narradores, um da cidade que trabalha com a memória de pessoas que tiveram contato ou que conheciam a história de Dioguinho, com documentos, jornais e alguns processos que encontra registrado nas cidades aos arredores de Ribeirão Preto, e outro, que é introduzido no tempo e espaço vivido pelo facínora, e irá acompanhá-lo em todas suas perambulações e testemunhar seus crimes e suas fugas. Destarte, o romance que inicia com um narrador, passa a ter dois e, assim, apresenta duas visões narrativas do mesmo personagem, Diogo da Rocha Figueira.

O jornalista, autor de *Dioguinho. O matador de punhos de renda*, transmite fatos que tomou conhecimento por meio de pesquisas realizadas com pessoas que guardavam na memória acontecimentos que marcaram a vida daquela comunidade, cumprindo, assim, a tarefa de transmitir às gerações posteriores, narrativas de uma “tradição oral” que informam acerca da sociedade que formou não só coronéis como também bandidos, os quais, como Dioguinho, realizavam o serviço “sujo” e eram protegidos por aqueles aristocratas rurais.

No relato, observa-se que o autor cria duas vozes narrativas, vozes essas que, segundo as técnicas estudadas por Bakhtin, podem ser enquadradas como *skaz*, uma vez que um dos narradores vai relatando suas pesquisas e introduzindo seus sentimentos e pareceres, enquanto o outro, o “manino”, é “colocado na posição do narrador oral” e “assume” o discurso de um caipira que conviveu com o bando de Diogo (MACHADO, 1995, p. 160).

Os relatos do “manino” estão fundados na pesquisa encetada pelo outro narrador, a trajetória de Dioguinho vai sendo definida de acordo com as descobertas do narrador-pesquisador. E a personalidade do protagonista é delineada pelos narradores e por outros personagens que aparecem na obra devido ao contato que tiveram com as histórias do matador. Assim, a imagem que se constrói a respeito do bandido é, numa proporção bem inferior, um pouco a imagem que o povo fazia dele, sendo ela, um misto de medo, respeito, e até admiração.

Não há como averiguar se os habitantes rurais das cidades que perfaziam a rota

da Estrada de Ferro da Mogiana temiam Dioguinho pela sua própria valentia ou se pela posição social de seus defensores. O fato é que Diogo era o terror das terras paulistas, sua simples presença provocava pânico e submissão ao mesmo tempo. Segundo João Garcia não havia homem capaz de ignorá-lo ou não se dar pela sua presença.

As obras que narram a história de Dioguinho afirmam relatar a verdade sobre seus crimes e relações, mas todas acabam optando por uma criação literária a fim de inserir não só os fatos comprovados, mas também as lendas e mitos que se tornaram populares entre os caipiras do sertão paulista. Tais lendas apresentam a figura mítica de Dioguinho e o funcionamento da sociedade daquele período, os usos, costumes, crenças que faziam parte do cotidiano daqueles homens simples vinculados a terra e à cultura cafeeira.

Para compreender a dimensão das lendas criadas a respeito de Dioguinho, do mito que se construiu em torno de sua figura, bem como da força que tais histórias exerceram sobre o imaginário popular, faz-se necessário apresentar algumas lendas que se criaram entre a população rural e que é registrada pelas narrativas aqui mencionadas. As lendas que serão apresentadas foram retiradas do romance de João Garcia. Na parte referente à “narrativa documental”, no momento em que apresenta os mitos acerca do bandido, o narrador sempre declara o modo como tais relatos foram abordados pelas obras anteriores e acrescenta seu ponto de vista em relação a elas.

O interessante da narrativa desse garoto é que ele percorre os lugares que fizeram parte da vida do protagonista, assim, ele passa pelas cidades de Cravinhos, Batatais, São Simão, São Carlos e outras menores que possuíam grandes fazendas de café a procura de pessoas que pudessem lhe contar histórias sobre o seu herói. É realmente dessa forma que o narrador vê o bandido, pois quando ele está chegando ao fim de suas pesquisas, o garoto lamenta profundamente a morte de Dioguinho e o fim de sua busca por novas informações. A partir das descrições das cidades, pelas quais Diogo percorreu, e do cenário do sertão, pode-se comparar a mudança do cenário do século XIX, descrito pelo “manino”, com o cenário descrito pelo narrador atual.

Pela visão do garoto citadino e contemporâneo, o “tempo do Diogo” era difícil de ser apreendido, era necessário ler muitos jornais velhos e livros para compreender as “coisas daquele tempo”, assim o narrador apresenta suas pesquisas a respeito de século

XIX:

“Eu li um livro que fala que naquele tempo em que os homens fediam a café maduro, suor de cavalo, bosta de vaca etc. Tinha muito italiano. Italiano que tava chegando, tudo pobre, pras lavouras de café. Tinha muito português também. Só que português tava chegando desde o tempo do Cabral, né?... E preto. Tinha lugar que tinha mais preto que tudo. Tudo meio escravo disfarçado, porque a escravidão tinha acabado fazia pouco tempo, só que ainda continuava meio escravidão... (...)

Naquele tempo, acho que era tudo cerradão e matão fechado. Só tinha é umas estradinhas de terra, de cavalo e carro de boi. Bom, também tinha o trem, só que chegou por aqui quase no fim daquele século. Acho que também tinha muita fumaça dos homens queimando mato pra plantar café” (GARCIA, 2002, p. 19-20).

Por outro lado, pela narrativa do “manino” que vivencia o “tempo de Diogo”, o leitor pode-se aproximar do contexto da “civilização do café”, visto que o garoto apresenta não só a paisagem do sertão paulista, como também os costumes, a religiosidade, as crenças e superstições do povo e do bando de Dioguinho. É dessa forma que aparece o modo como se vestem, se alimentam, como trabalham e se divertem. O trecho abaixo descreve um dia de festa na cidade de São Simão, trata-se do dia em que o povo “alfabetizado” assinou a “ata da república” mostrando seu favoritismo pela forma de governo recém instaurada:

Era uma manhãzinha zulada, inté sem nuve, de sór intero que já fazia uns par de dia que num chuvia e as pata dos alimal ia alevantano uma puerica naquéas terra vermeia do Cravinho. Quando que o sór garrô quentá mêmô, nós já tava bateno os casco nas areia branca do cerradão de São Simão.

Num demorô munto e nós chegemo no cumérço. O São Simão tava uma festança só! Inté isqueceno das febre marelenta, vai vê? O trem de ferro sortô os apito na chegadinha da estação. Era os tróli, trólim, carroça, cavalero pra tudo quanto é banda. Uma movimentera medôim. Era gentarada c'os mió pareio de ropa, os mió chapéu, os mió carçado, inté as pobreza que só anda mêmô é discarço qui nem o Curitibo e o Donél, tinha uns carçado. As moça tudo de chita.

Sô Diogo na frente, só pono os dedo nas aba do chapéu mode cumprimentá os povo. Inté as pretaiada e as intalianada que tudas veiz tava suja de terra e dos cardo do trabaio nos cafezá, tava limpim que dava inté gosto. Era um dia de importância. Era certim o dezasseis do novembro de oitenta e nove. O sô Diogo é que falô que nós devêra de guardá bem essa data na cabeça... (GARCIA, 2002, p. 108).

Nota-se que o narrador enfatiza o modo como a população, que circundava o pequeno núcleo urbano, estava vestida fazendo uma comparação com um dia normal de trabalho. Pela descrição do narrador, tem-se um panorama de como era o cotidiano daquele povo. Todos muito sujos e cansados por causa do trabalho na roça, a cidade um pouco mais movimentada por possuir uma pequena estação da estrada de ferro. Fumaça e poeira misturadas ao suor e à febre amarela, doença que avassalou aquele povoado, obrigando-os a fugirem para as cidades em derredor.

Esse era o “tempo do Diogo” transmitido pelas vozes narrativas da romance de João Garcia. E como na visão dos narradores aquele momento histórico era marcado pelo conservadorismo religioso e por uma superioridade do homem, sendo as mulheres descritas apenas no ambiente da cozinha, nunca participando das conversas dos homens (coronéis), causa espanto em ambos o fato de Dioguinho gostar de se vestir de mulher nos carnavais.

Durante a narrativa, são muitas as descobertas do narrador, mas uma das mais interessantes e que se relaciona com o “esquisito” costume do bandido em se vestir de mulher, é o fato de Dioguinho ser homossexual. Tal informação no romance é atribuída a um promotor de Batatais que lhe mostrou no processo pelo qual o criminoso estava sendo acusado que o motivo do crime era pederastia. Dioguinho assassinou o coronel Zé Maia, pai de Zequinha Maia com quem tinha relações muito próximas, e também o coronel Zé Venâncio, pai da futura esposa de Zequinha.

As narrativas do “manino” também sustentam a homossexualidade de Dioguinho, há um trecho que apresenta o encontro do matador com um coronel, dono das terras na qual seu grupo estava alojado:

Num dia depois da chegada do sô Diogo foi que eu vi a coisa mais dispariada do mundo.

Isquita só: era bem cedim. Eu tava subiano nas rua do cafezá e fui desse jeito, andano e subiano e oiano. Tava armano chuva. Quando é fé, iscuitei um barui de gente. Fui bem nos passim, quêto, mode vê que qui era... Aí parei mode iscuitá direito. Sabe que qui era? Era uns gemido de gente! Ansim ó: “Um! Um!” Carculei: ué, vai sê o quê? Sem os querê, isbarrei num gai seco no chão e feiz barui. Aí parô aquele gimido. Foi aí que iscuitei um falado de home, baxim, causo que eu tava perto nem treis braça. O homê falô:

– Num é gente, não. É vento.

Gachei divagazim e foi que eu vi, bem por baxo dos verde da foiage do café. Num dava pra divurgá celto, só que tinha um home de catacavaco, c'a cabeça baxada, as carça nos juei ôto inganchado nele, pro riba, iguar marruais c'a vaca, cachaço c'a porca, cavalo nas égua. O que tava pro riba do ôto dava inté mode vê as bunda branca dele. Carculo que o que tava pro baixo é que tava na gemeção.

Deus do Céu, Maria Santíssima, era um home que tava im riba dôto! Me deu uns arrupio nos corpo, vontade de rezá que inté isfriô e furnigô os braço. Sai pé por pé fui pra distancia daqueis dois. Fui ficano longe, longe, inté que saí na estrada. Tinha um barrancão mais pra riba, subi e fiquei invisíver numa moita.

(...)

Quando é fé, garrô chuviscá. Oiei pras nuve e quando oiei de vorta pro cafezá os dois home gemedô tava vino, andano pressado o cafezá, mode corrê da chuva. A chuva apertô e, num demorô, os dois saíro na estrada, bem na frente minha. Deus, Nossa Senhora, quem que eu vejo?... Sô Diogo e sô Javaé!” (GARCIA, 2002, p. 57-58).

Assim, pelas informações colhidas pelo narrador que investiga a vida do bandido e pela descrição do “manino”, o romance acaba por defender a idéia de que Dioguinho era homossexual. Há outras referências como o fato do tom de voz do bandoleiro mudar quando ficava bravo ou nervoso. Segundo o “manino”, a voz de Dioguinho ficava com “um ar donzelado”. Inclusive, sobre o próprio título da obra deduz-se tal fato, uma vez que “punhos de renda” tanto podem referir-se aos vínculos do bandido com a elite cafeeira da época, que o acobertava, quanto à opção sexual do mesmo.

Dos atos, costumes e personalidade atribuídos a Diogo por seus narradores, convém destacar alguns elementos que contribuem para compreender seu *tipo* social ou mesmo da sociedade da qual era participante. Nesse sentido, serão abordados primeiramente alguns acontecimentos narrados pela perspectiva do garoto, o “manino”, que no romance convive com os bandoleiros. Uma das principais lendas que se contavam a respeito de Dioguinho era sobre o colar de orelhas que possuía, uma orelha de cada pessoa que ele havia matado. Na cena transcrita abaixo, um dos companheiros do Dioguinho mostra esse colar ao “manino”:

O rancho tava mêmo bem caladim: só as caneca c'os restim no fundo, uns sete musquito avuano, os trem de drumi no chão, aquele ôto chapéu novo do sô Diogo pindurado no prego...Só ansim mêmo.

O Donél foi qétim, oiô pra tudas banda mode vê se num vinha ninguém. Gachô e abriu a canastra do sô Diogo. Fuça que fuça inté que arretirô a cabeleirada, bigodim, vistido de muié, unha de

tamanduá, preda de boi mode garantia de reis braba, retrato de santim, de home, e foi ponhano de banda, no chão mêmo. Uma hora ele achô:
– Tá aqui, ó...
E arretirô da canastra: gente, que qui era aquilo! Uma muntuera de oreia véia, murchada, tudo pretejada. Tudo éas passada na imbira.
– Tá inté catingano – o Donél falô.
– Deus, de quem é essas oreia?
– Dos que ele matô, uai...
Alevantô a imbira mode oiá as oreia e aí foi que garrei contá: intereva vinte e duas... (GARCIA, 2002, p. 76)

Essa é uma das principais lendas que circulavam sobre Dioguinho. Se de fato era verdadeira não se sabe. É possível que ele guardasse a orelha do sujeito assassinado para provar aos mandantes do crime a sua tarefa cumprida, mas o fato de colecionar essas orelhas e fazer delas um terço para rezar as *Horas Marianas* é algo sem comprovação. Pode ser uma confusão de histórias, uma vez que é conhecida a lenda de que o bandeirante Raposo Tavares guardava a orelha dos índios que ia matando sertão adentro. De acordo com Schneider, quando Dioguinho foi dado como morto, em seu rancho que beirava o rio Mogi-Guaçu foram encontrados entre os seus pertences apenas um livrinho intitulado *Horas Marianas*, fator que comprova sua devoção pela santa, mas não existe nenhuma referência ao colar de orelhas, menção que também não exclui essa possibilidade.

Além de devoto da Santa Mariana, boatos corriam entre a população rural que Dioguinho tinha o "corpo fechado". Para sair do um pouco do âmbito do romance, há um verso no poema *Juca Mulato* (1917) de Menotti del Picchia, na qual um feiticeiro afirma que poderia deixar o corpo de Juca fechado tal qual o de Dioguinho:

Sei de rezas com que venço a qualquer mal olhado,
breves para deixar todo o corpo fechado.
Não há faca que vare e nem ponta de espinho;
fica tal qual o corpo de Dioguinho.... (PICCHIA, 198?, p. 64)

Era certo entre os caipiras que Dioguinho tinha o corpo fechado, quando a polícia cercou seu rancho próximo ao rio Mogi-Guaçu em 1897 e houve o tiroteio em que ele foi dado como morto, o povo não acreditava em sua morte. Apenas encontraram o corpo de seu irmão, João, mas de Diogo nada foi encontrado, nenhum vestígio que comprovasse sua captura. Schneider apresenta as contraditórias notícias que eram

veiculadas pelos jornais paulistas, uma delas sustentava a crença da invulnerabilidade do criminoso “cuja pele não podia ser atingida pelas balas da escolta.”⁷ Tanto era certa essa crença, que o delegado João Amoroso Neto encerra sua obra da seguinte forma:

“Com isso, ficaram encerradas as pesquisas para o encontro do cadáver de Diogo da Rocha Figueira – o Dioguinho, que, oficialmente, foi dado como morto e desaparecido nas águas do rio Mogi-Guassú, no dia primeiro de maio de 1897. Oficialmente apenas, porque o povo...” (GARCIA, 2002, p. 126).

Ninguém sabe ao certo se Diogo realmente morreu naquele cerco da polícia no rio Mogi-Guaçu, mas o fato é que ele precisava morrer porque sabia muito, era uma queima de arquivo. A polícia da capital não queria apenas capturá-lo, mas matá-lo. O narrador descobre que Diogo tinha que morrer porque “sabia das negociatas dos fazendeiros, dos arranjos políticos, sabia dos ‘podres’ de muita gente importante daquela época. Vivo era um perigo para os poderosos” (GARCIA, 2002, p. 140). Por isso também que nesse momento fatídico não houve quem o defendesse ou escondesse eficientemente. A fazenda em que foi encontrado pertencia ao senador Alfredo Ellis, e segundo consta no romance, o bandoleiro foi traído por um próprio parente que trabalhava naquela fazenda. Após sua morte, os poderosos que estavam envolvidos, inclusive Alfredo Ellis, foram julgados e sendo Rui Barbosa o advogado incumbido pela defesa, todos foram absolvidos.

Dada as divergências de informações, todas essas histórias que rondam a memória acerca desse bandido acabaram por construir um mito. Se Dioguinho era ou não homossexual, ou se mantinha, em diferentes cidades, duas mulheres ao mesmo tempo, se tinha um colar de orelhas de suas vítimas, se era vaidoso e elegante, e, enfim, se realmente morreu na captura em 1897, nunca saberemos, mas o que fica definido é a imagem que o povo criou em torno de sua figura. Os seus atos, seu estilo de vida foram originados pela própria situação social do sertão, uma vez que ela promovia a ascensão da aristocracia rural e relegava o povo à marginalidade e exploração. E como a disputa de poder das oligarquias chegava a níveis extremos, era comum surgir do povo, homens rebeldes que não se adequavam àquela ordem social hierárquica.

⁷ O Estado de S. Paulo, 12 de junho de 1897.

Menotti del Picchia aponta, em um artigo intitulado “Banditismo caipira”, que tais bandidos eram tipos sociais desencadeados pelas próprias condições de vida do sertão. Nesse sentido, o romancista e poeta afirma que homens violentos como Dioguinho e Dente de Ouro (bandido personagem de seu romance) eram produtos da opressora “civilização caipira”, muito comum no “hinterland” caipira. E que tais homens, marginalizados pela situação opressora que lhes eram impostas, tornavam-se rebeldes e muitas vezes eram vistos como injustiçados pelo povo que se identificavam com suas situações de sobrevivências. Para a população o bandido era temido, mas nem sempre viam nele uma verdadeira ameaça. Segundo Menotti, Dioguinho foi “encapsulando numa lenda de bravura, de generosidade e de martírio. O homem do interior nunca chegou a odiar o ‘valentão’, responsável não raro por crudelíssimos crimes, porque via nele um ‘injustiçado’ no sentido social” (PICCHIA *apud* SCHENEIDER, 2003, p.4).

Suas mortes atemorizavam a população, mas muitos o tinham por herói. Sua iniciação no mundo do crime, contava o povo e afirmou seus romancistas, se deu por um crime de “honra”, e depois o gosto pelo homicídio tomou conta do bandido, levando-o a aliar-se aos poderosos que necessitavam de seus serviços e pagavam por ele. Um exemplo da simpatia do povo pelo bandido provinha da comisseração que ele sentia por aquele povo marginalizado. O romance de João Garcia apresenta uma cena muito tocante em que ao chegar numa daquelas pequenas cidades do oeste paulista, Dioguinho viu uma mãe desesperada porque seu filho expirava sem ao menos ser batizado. O bandido correu àquela mãe e naquele mesmo momento realizou o batismo do pequeno. São histórias desse tipo que aproximam o sentimento do bandoleiro aos do povo.

O historiador inglês E. J. Hobsbawm dissertou sobre o banditismo na Europa e para ele o banditismo é uma forma de protesto social de indivíduos humildes e marginalizados que não conseguem suportar a opressão da sociedade, e por isso se unem à classe opressora numa tentativa de escape da condição social imposta a sua classe. Para o historiador, essa situação denota “as divisões e as lutas dentro da sociedade” e são recorrentes nas sociedades marcadamente hierarquizadas. Nessas circunstâncias, as características de tais homicidas se assemelham como o ingresso do bandido na criminalidade dar-se devido a um crime de honra: “um homem faz alguma coisa que não é considerada como um crime pelas convenções de sua localidade, mas

que o é pelo Estado. São os homicidas ‘honrosos’, envolvidos em homicídios ou crimes ‘justos’” (HOBBSAWN *apud* SCHENEIDER, 2003, p. 5).

Outro fator que caracteriza tais homicidas, de acordo com Hobsbawm, é a invulnerabilidade do corpo, como também se observa na história de Dioguinho. O que se assinala na imagem do bandido, veiculada pelas obras literárias e pelas pesquisas que apresentam as histórias da “tradição oral”, são os elementos que colaboram para compreender o modo como ele foi-se tornando um mito entre a sociedade caipira da época. Nesse sentido, ganha expressão a sua valentia, o horror que seus cruéis crimes provocavam no povo, a invulnerabilidade de seu corpo, o rosário de orelhas de suas vítimas e, principalmente, a descrença na sua morte. Tais fatores, aliados à defesa de pessoas do povo que o tinham por “boa” pessoa ou por um herói destemido, constituíam uma aura indefinida acerca do bandido, o que alimentava ainda mais as lendas e a imaginação popular.

Não é tácita a imagem de Dioguinho como somente um assassino cruel, a população o temia, mas ao mesmo tempo existia quem o respeitasse, que o tinha por “compadre”, ninguém o denunciava, talvez por medo ou por ver nele um injustiçado, como afirmou Menotti. De acordo com Hobsbawm,

“o banditismo social constitui um fenômeno universal, encontrado em todas as sociedades baseadas na agricultura (inclusive nas economias pastoris) e compostas principalmente de camponeses e trabalhadores sem terras, governados, oprimidos e explorados por alguém: por senhores, cidades, governos, advogados ou até mesmo bancos” (HOBBSAWM, 2010, p. 39).

Esse misto do bandido com o herói é o que impulsionou a construção do mito Diogo da Rocha Figueira. Sua figura, de acordo com seus romancistas e com a crença do povo, também expressa nessas narrativas, continuou a vagar pelas terras do oeste paulista, seja em pessoa, ou seja, através dos muitos “causos” que sua história proporcionou.

O fim de Dioguinho se assemelha ao de outros mitos populares da história ocidental, como Dom Sebastião, ou Zapata, por exemplo, que mesmo quando são dados como mortos continuam vivos e são vistos por alguns que acabam por relatar seu encontro com o herói e alimentar cada vez mais a imaginação popular. Se Dioguinho

morreu ou não em 1897 não convém discutir, o fato é que para o povo suas perambulações pela região cafeeira do interior do estado continuaram porque sua pele não poderia ser atingida. Há inclusive uma lenda que afirma que ele ficou paralítico por causa das trocas de tiro na margem do rio Mogi-Guaçu e que morreu em 1947. Enfim tudo se afirma e nada se comprova.

É através dessas histórias transmitidas pelo povo e, de certo modo, registradas e recriadas pelas obras literárias aqui mencionadas que se pode conhecer um pouco do “bandido mais temido do oeste paulista” e da civilização em que ele viveu. A obra *Dioguinho. O matador de punhos de renda*, assim como as obras do delegado Antônio Godói e de João Amoroso Neto, os filmes baseados na vida do matador e os discos que contam suas histórias, apenas cumprem o papel de transmitir histórias que provém de uma “tradição oral” a ouvintes ou leitores de hoje. É dessa forma que se compreende a configuração daquela sociedade específica, os modos, os usos e costumes, bem como alguns dos tipos sociais que dali despontavam e que de certa forma representavam alguns valores daquela sociedade.

Por meio da literatura oral, mesmo sendo ela aqui transmitida por meio de uma recriação romanesca, tem-se a possibilidade de apreender o modo como uma dada sociedade escolhe os elementos que as identificam. Aqui não se refere ao bandido Dioguinho, mas ao homem que se tornou um bandido em decorrência da condição social a que os pobres caipiras eram submetidos. Por essa vertente, enfoca-se o homem Diogo da Rocha Figueira que se tornou personagem de João Garcia, e que segundo este, primava pela boa aparência, gostava das novidades trazidas da capital, cumpria seu dever cívico, adorava andar pelos sertões e pelos pequenos núcleos urbanos cumprimentando seus compadres, e não se esquecia de rezar, nem de seus santos protetores e de ir-se confessar quando lhe era possível. Tais costumes do bandido o tornam humano, e é nesse âmbito que o romance cria um representante social que não é apenas um mítico bandido, mas também um homem comum, possuidor de muitos dos valores da “civilização caipira” estabelecida em torno da cultura cafeeira do oeste paulista nas primeiras décadas do século XX.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. O vocabulário da praça pública na obra de Rabelais. *In: A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. 3. ed., Trad. Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec/ Brasília: Editora da UnB, 1993.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.
- FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- GARCIA, João. **Dioguinho. O matador de punhos de renda**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2002.
- HAVELOCK, Eric. “A antiga arte da poesia oral”. *In: A Revolução da Escrita na Grécia e suas consequências culturais*. Trad. Ordep José Serra. São Paulo: Edunesp/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- MACHADO, Irene. “Dialogismo e oralidade”. *In: O Romance e a Voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Fabesp/ Imago, 1995.
- MATOS, Odilon Nogueira de. **Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, Sociologia e Política, 1974.
- PELEN, Jean-Noël. Memória da literatura oral. A dinâmica discursiva da literatura oral; reflexões sobre a noção de etnotexto. Trad. Maria T. Sampaio. **História e oralidade (PUC – SP)** v. 22. p. 49 – 77, 2001.
- PICCHIA, Menotti Del. **Juca Mulato**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [19--].
- SANTOS, Antônio Teodoro dos. **O encontro de Lampião com Dioguinho**. São Paulo: Editora Luzero, 1960.
- SILVEIRA, Célia Regina. **A epopéia do caipira: Regionalismo e Identidade Nacional em Valdomiro Silveira**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Unesp, 1997.
- SCHNEIDER, Marília. “Além da Justiça: O homicida Dioguinho e seus cúmplices.”

Revista JH. Vol. 3 n.6, 2003.

_____. “Dioguinho: um assassino de aluguel na terra dos barões do café. *In: As múltiplas dimensões da política e da narrativa.* Franca: UNESP, p. 295-304, 2003.

ZUMTHOR, Paul. “Presença da Voz”. *In: Escritura e Nomadismo.* Trad. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005